

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A REPRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA ENTRE PROFESSORES DE OUTRAS  
ÁREAS DE ENSINO.

MARINÉZ MENONCIN PACHECO

Monografia elaborada como pré-requisito  
de Conclusão da disciplina Seminário de  
Monografia do Curso de Educação Física  
da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA  
1993

ORIENTADOR:

PROF. CARLOS EDUARDO VIEIRA

## AGRADECIMENTO

Ao amigo CARLOS, que por sua orientação indispensável e decisiva, possibilitou a elaboração desta pesquisa.

## DEDICATÓRIA

Ao meu pai, LOURENÇO, que não mediu esforços para mostrar-me o caminho, até chegar a esta realização.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	v
1.0 - PROBLEMA.....	1
1.1 - APRESENTAÇÃO.....	1
1.2 - ENUNCIADO.....	1
1.3 - DELIMITAÇÃO.....	2
2.0 - JUSTIFICATIVA.....	3
3.0 - OBJETIVOS.....	5
3.1 - OBJETIVO GERAL.....	5
3.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO.....	5
4.0 - REVISÃO DA LITERATURA.....	6
4.1 - A SOCIEDADE.....	6
4.2 - A ESCOLA.....	8
4.3 - O ALUNO .....	10
4.4 - OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO.....	11
4.5 - A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	15
5.0 - METODOLOGIA.....	20
6.0 - TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	23
7.0 - CONCLUSÃO.....	33
8.0 - ANEXOS.....	34
9.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a representação e/ou imagem da disciplina de Educação Física entre professores de outras áreas de ensino. Procurou-se além de responder a questão evidenciada, contribuir para uma visão mais ampla da disciplina de Educação Física, inserida no quadro geral da Educação, na perspectiva de superar o distanciamento desta em relação às outras áreas de ensino.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso, onde a intenção foi demonstrar a contradição entre o discurso e a legislação que consideram a Educação Física como disciplina formativa nos currículos, e a imagem real e o significado concreto da disciplina no interior da escola.

## 1.0 - PROBLEMA

### 1.1 - APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi elaborado para aplicação de conhecimentos adquiridos no Curso de Pós-Graduação à nível de Especialização em Educação Física Escolar na Universidade Federal do Paraná, no ano de 1993, bem como atender a solicitação para conclusão do mesmo.

A presente pesquisa representa um processo de iniciação científica, que visa a construção do conhecimento na perspectiva de enriquecer a dimensão pedagógica da Educação Física. Dimensão esta que por muito tempo foi relegada a um papel subordinado, apesar do esforço isolado de alguns autores. Por conseguinte, pensar a disciplina de Educação Física - como parte indissolúvel do saber escolar - é um esforço ainda recente na pesquisa dentro da área.

### 1.2 - ENUNCIADO

Na minha vivência pedagógica, percebi, através do convívio com professores de diferentes áreas de ensino, compreensões

diferenciadas em relação aos objetivos e a pertinência da disciplina de Educação Física como parte do currículo escolar. Portanto optei por esta pesquisa com a intenção de obter respostas à questão sobre a representação da disciplina de Educação Física entre professores de outras áreas de ensino.

### 1.3 - DELIMITAÇÃO

#### 1.3.1 - LOCAL

A pesquisa foi realizada na cidade de Curitiba no Estado do Paraná.

#### 1.3.2 - UNIVERSO

Foram considerados integrantes deste estudo, o universo de professores de Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná e especialistas em educação. Não foram considerados no universo somente os professores que atuam na disciplina de Educação Física.

#### 1.3.3 - ÉPOCA

A presente pesquisa começou a ser elaborada a partir do mês de maio de 1992 a outubro de 1993.

## 2.0 - JUSTIFICATIVA

No meu dia a dia de professora de Educação Física de 2º grau, convivo em meu local de trabalho, a Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, com educadores de diferentes áreas de ensino. Esta convivência não permite discussões aprofundadas sobre a especificidade das nossas disciplinas, mas possibilita perceber imagens e/ou representações sobre o papel das diferentes disciplinas na formação dos educandos. É próprio do senso comum dos professores considerar a matemática e o português como disciplinas básicas, as técnicas como instrumentais, etc. No que diz respeito à Educação Física, fica a dúvida sobre a compreensão, por parte dos professores de diferentes áreas, do seu papel como disciplina integrante do currículo escolar.

A partir da concepção que considera a Educação Física como área do conhecimento e, portanto, não mera atividade, onde o aluno descontraí e relaxa, descansa do esforço intelectual exigido entre uma disciplina formadora e outra. Considero fundamental apreender a verdadeira compreensão sobre a disciplina, entre profissionais da educação, tornando possível a transformação e esta imagem se necessário.

Na legislação e as respectivas fundamentações pedagógicas, verificou-se a importância dada a disciplina, a qual passou a ser obrigatória em todos os currículos escolares. Encon-

trou-se referência ao tratamento dado à Educação Física no ano de 1961, em legislação pertinente às Diretrizes e bases da Educação Nacional, através do artigo 22 da lei nº 4.024, onde ficou determinado textualmente que: "Será obrigatória a prática da Educação Física nos Cursos primário e médio, até a idade de 18 anos" (Brasil, Congresso Nacional, 1984a, p.248).

Em 1969 esse artigo foi alterado, passando a ter a seguinte redação: "Será obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior" (Brasil, Presidência da República, 1983, p.52).

Embora não substime o papel da legislação, compreendi que a sua eficácia estava relacionada com o grau de comprometimento dos sujeitos sociais em relação aos objetos da lei, isto é, a operatividade de uma legislação só é plena quando assumida conscientemente pelos protagonistas sociais. Assim, não basta a legislação afirmar, apesar das suas contradições internas, a inclusão e a obrigatoriedade da Educação Física no Currículo Escolar, caso não haja uma real compreensão do seu significado no processo educativo. Neste sentido, considerei a representação elaborada pelos professores de outras áreas de ensino sobre a disciplina, ponto de partida para aferir a acepção concreta da disciplina no interior da escola. Ao eleger os professores considerei o papel destes na mediação do saber, na formação das idéias e dos conceitos. Assim direcionei as minhas investigações às experiências que estes professores foram submetidos como alunos da disciplina; a atual imagem que fazem dela; e o papel na formação dos jovens.

### 3.0 - OBJETIVOS

#### 3.1 - OBJETIVO GERAL

- Proporcionar uma visão da disciplina de Educação Física, inserida no quadro geral da educação.

#### 3.2 - OBJETIVO ESPECÍFICO

- Contribuir com a construção da dimensão pedagógica da Educação Física dentro da escola, na perspectiva de superar o distanciamento da disciplina em relação às outras áreas de ensino.

#### 4.0 - REVISÃO DA LITERATURA

Neste ítem tratou-se de abordagens realizadas pela pesquisa em Educação Física e Educação de uma maneira sintética, permitindo a aproximação com o objeto deste estudo.

#### 4.1 - A SOCIEDADE

O povo brasileiro vive em uma sociedade contraditória onde convivem: miséria e riqueza, aqueles que podem e aqueles que não podem participar do consumismo, opressores e oprimidos, aqueles que decidem e aqueles que executam, levando conseqüentemente a uma sociedade estratificada em classes sociais superpostas e com motivos e interesses muitas vezes distintos e antagônicos.

Chauí, nos esclarece que:

Embora a sociedade esteja dividida em classes e que cada uma devesse ter suas próprias idéias a dominação de uma sobre a outra faz com que só sejam consideradas válidas, verdadeiras e racionais as idéias da classe dominante. Para que isso aconteça é preciso que os membros da sociedade não se percebam como estando divididos em classes, mas se vejam como tendo certas características humanas comuns a todos que tornam as diferenças sociais algo derivado ou de menor importância. Para que todos os membros da sociedade se identifiquem com estas características supostamente comuns a todos, é preciso que elas sejam convertidas em idéias comuns a todos. Para que isto ocorra é preciso que a classe dominante, além de produzir

idéias, possa distribuí-las, o que é feito por exemplo, através da educação, religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis (CHAUI, apud COSTA, 1987, p.45).

Deve-se observar que numa sociedade democrática é importante não só o quanto o seu povo participa, mas também e principalmente, como ele participa, pois a qualidade de sua participação fica prejudicada se ele não participa na tomada de decisões.

Segundo SANTIN, "a sociedade brasileira ressent-se da falta de maior intimidade com o debate e a crítica, devido aos vinte anos de governo totalitário" (SANTIN, 1990, p.66).

Como profissionais de Educação Física, enquanto agentes sociais da educação, podemos sem sombra de dúvidas contribuir para o surgimento de uma sociedade democrática.

Sabemos que, a construção de uma sociedade passa necessariamente pela educação, não afirmando com isto que ela surgirá a partir da educação. A educação é parte de um processo contraditório, que sofre determinações ao mesmo tempo que participa da determinação da prática social.

Segundo Costa, "a educação reflete os valores da sociedade da qual faz parte, no caso do Brasil, reflete valores da sociedade capitalista" (COSTA, 1987, p.49).

A Educação citada acima por Costa, faz parte tanto do processo como do produto, mas é o tipo de relacionamento dos alunos entre si e destes com seus professores que determina a qualidade da educação que cada um recebe. Tanto no sentido de processo como de produto, a educação se materializa na instituição escolar.

#### 4.2 - A ESCOLA

A escola é uma instituição fundamental na sociedade contemporânea. Conforme Lenhard, sua função central é:

Transmitir uma parte do patrimônio cultural de uma geração a outra, existindo uma correlação direta entre o nível de desenvolvimento de uma nação, bem-estar do respectivo povo, e parâmetros escolares, como o número de alunos matriculados em relação à população total, o número médio de anos que cada aluno passa na escola e o número de horas diárias que lhe dedica (LENHARD, 1978 apud OLIVEIRA, 1988, p.6).

Thomaz, resumiu quais são, no entender dos teóricos da reprodução social, as funções da escola:

- a) ensinar aos estudantes as habilidades físicas e intelectuais necessárias ao desempenho das diferentes funções na força de trabalho;
- b) inculcar as regras de comportamento, de ordem, obediência e disciplina apropriadas para a eficiência das relações sociais de produção (THOMAZ, apud OLIVEIRA, 1988, p. 7).

A partir destas considerações sobre as funções da escola algumas questões devem merecer atenção especial por parte daqueles envolvidos com a escolarização. Numa sociedade desigual como a brasileira, qual a possibilidade da escola exercer uma função transformadora? Em que medida existe uma correlação direta entre escola e transformação social?

Para um conhecimento crítico da sociedade devemos considerar o fato de que um boa escolarização permite adquirir uma visão de mundo menos mística e folclórica. Contudo, corremos o risco de fazermos um discurso idealista ao atribuir à escola e à educação, de um modo geral, um papel direto de formação de consciência revolucionária, ignorando que existem outras instâncias

sociais legítimas para a formação dessa consciência, como por exemplo, os partidos políticos.

Para Mello,

A função da escola é representada pela transmissão de conhecimentos pressupostos como úteis também aos dominados; todavia, esses conhecimentos, expropriados pela classe dominante, são devolvidos de forma selecionada e distorcida aos demais grupos sociais, e é exatamente aí, tendo a possibilidade de reverter o processo ao transmitir eficaz e competentemente conhecimentos de utilidade à classe dominante - que a escola pode encontrar seu papel de transformação social (MELLO, apud OLIVEIRA, 1988, p.8).

A escola, nas condições da sociedade brasileira de hoje embora tendo um papel importante e específico, não é determinante ou definidora de uma transformação social radical. A participação efetiva da sociedade é o que requer a escola, pelo seu importante papel assumido. Os conflitos, os debates e as críticas são importantes e indispensáveis para uma escola transformadora. De acordo com Cunha, "a instituição escolar será sempre um lugar de conflito, de debate, de transformação, porque nessa concepção, os que buscam a vida, os que vivem, os que aspiram a uma existência melhor, serão sempre inconformados" (CUNHA, apud OLIVEIRA, 1988, p.8).

A escola brasileira, historicamente restrita às elites passou a enfrentar um novo desafio a partir das últimas quatro décadas. Para Beisiegel, "como decorrência de transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas desde a década de 1940, amplas camadas da população urbana - até então alijadas da plena escolarização básica - obtiveram acesso à escola de 1º grau" (BEISIEGEL, apud OLIVEIRA, 1988, p.9).

Para Saviani, "a escola, no entanto, tende a cumprir as funções apenas nos limites necessários da formação da força de trabalho imprescindível ao desenvolvimento do processo produtivo, e a partir daí é que se pode explicar o caráter ainda seletivo e discriminatório da escola no Brasil" (SAVIANI,1984,p.15)

#### 4.3 - O ALUNO

Quando a criança entra na instituição educativa, sua experiência nela, o que lhe é ensinado torna-se constitutivo de sua pessoa, modificando-a continuamente. Isto significa que todo e qualquer processo de ensino aprendizagem se insere em um contexto mais amplo da constituição do indivíduo, porque a aprendizagem na escola não se efetua como um processo paralelo e dissociado de outras instâncias de apreensão e compreensão da realidade.

A vivência na escola e fora dela são constituídas por ações e interações que configuram, todas elas, o desenvolvimento da criança.

O aluno apresenta um conhecimento que se constitui por estratégias específicas, que se modificam, inclusive, em função dos conteúdos aprendidos. Para que o conhecimento se construa, há duas condições necessárias. Primeiramente, que a nova informação seja possível de ser compreendida pelo aluno, ou seja, precisa haver uma ligação possível entre aquilo que o aluno já sabe e o que ele vai aprender. Em segundo lugar, que se estabeleça, que uma relação ativa do aluno seja com o conteúdo aprendido. Conteúdos estes que precisam ser organizados e integrados ao corpo de conhecimentos que eles possuem. Somente as situações que problematizam o conhecimento levam à aprendizagem, não é qual-

quer interação que promovem a aprendizagem. Toda atividade que se dê ao aluno precisa ter uma intensão clara, isto é, o objetivo precisa estar explicitado para o professor e para o aluno.

A aprendizagem é um processo múltiplo, isto é, o aluno utiliza estratégias diversas para aprender, com variações de acordo com o período de desenvolvimento. Desta forma, todas as estratégias são importantes, não são mutuamente exclusivas e vão encontrar a sua significancia na própria relação dos indivíduos entre si e deles com o meio.

À medida que a criança cresce, desenvolve a atenção que possibilita a ação prolongada segundo normas que são colocadas exteriormente, no caso da escola, o professor é quem solicita as tarefas, que possibilitam a criança executar.

#### 4.4 - OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

A eficiência e a eficácia da participação social de um educador está diretamente relacionada com sua visão de totalidade, ele poderá dizer que realmente conhece uma unidade quando souber integrá-la e interagi-la como o todo, ele perceberá mais os fatos e acontecimentos quanto melhor souber vizualizá-los no todo; quem perde a visão da totalidade não conseguirá perceber o que se passa (CASTRO, 1978, p.35).

A efetividade dos compromissos sociais dos professores de Educação Física estão na relação direta da combinação de alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar será que somos competentes naquilo que fazemos? Todavia devemos imaginar essa competência com certa relatividade, pois a Educação Física como uma disciplina acadêmica, é emergente e falta-lhe ainda um modelo conceitual para que possa ser consolidada. Hoje ainda justifica-

se uma Educação Física tecnicista de pouco tempo atrás. Sabemos que ela gerou um processo discriminatório sobre os estudantes de todos os níveis de escolaridade, onde os talentosos e bem dotado tiveram muito mais oportunidades que outros.

Segundo FREIRE,

O enfoque educacional do professor de Educação Física neste momento histórico que passa a sociedade brasileira, deve se dar dentro de uma pedagogia de concepção dialética que possibilite e gere as condições - desde que é no interior das contradições que nasce a conscientização (FREIRE, 1983, p.35).

Nesta concepção citada acima, FREIRE coloca que a tarefa dos educadores de um modo geral deverá ser no sentido de procurar problematizar a criança ou jovem que se vai trabalhar, para que ele possa assumir de forma mais crítica aquele conhecimento que estará sendo adquirido.

Hoje não se concebe mais aquele professor que comanda, direciona, domina e impõe a transmissão de informações, mas sim aquele que orienta a aprendizagem voltada para soluções de problemas com significados verdadeiros, extrapolando a simples informação para situações reais da vida.

O fato de as lutas sociais, no Brasil, por terras, salários dignos, habitação, assistência à saúde e educação, estarem demarcadas pelos limites de uma sociedade onde as relações sociais de produção obedecem à lógica capitalista, não as coloca necessariamente, fora de um projeto social mais amplo, de superação do mesmo, desta ordem. Como a história se dará, cabe aos homens organizados decidirem, construir-na no seio das próprias relações sociais.

Frente a tais questões, em que direção têm se posicio-

nado os educadores no Brasil?

Sendo a pedagogia um ato político, o professor, pode ser visto como um instrumento de ação política, embora grande parte destes não se percebam como tal. Escondidos sob um idealismo exagerado e irreal ou mascarados ingenuamente de neutralidade tornando-se, inconscientemente, por vezes, agentes da reprodução do sistema. GADOTTI, afirma e justifica o exame e a reflexão crítica da ação pedagógica.

Educar nesta sociedade é tarefa de partido, isto é, não ignora realmente aquele que ignora o momento em que vive, aquele que pensa estar alheio ao que o cerca. É tarefa de partido porque não é possível a um educador permanecer neutro: ou educa a favor dos privilégios da classe dominante ou contra eles, ou favor das classes dominadas ou contra elas. Aquele que se diz neutro estará apenas servindo aos interesses do mais forte, isto é, à classe dominante, situa-se portanto, no centro a questão do poder (GADOTTI, apud COSTA, 1987, p.60).

Uma advertência precisa ser feita no sentido do entendimento errôneo da concepção ensino-aprendizagem, pois muitas vezes os profissionais da área compreendem-na num sentido dialógico. Pensam que, pelo simples fato de empregar em seus planejamentos técnicas de ensino direto, estão se propondo a uma transformação. "É na prática da educação que o educador educa. Ele não se educa antes, para exercer depois a prática da educação" (GADOTTI, apud COSTA, 1987, p.61).

A falha fundamental de algumas pedagogias consiste exatamente em renunciar ao que é essencial à tarefa pedagógica, isto é, assumir o risco de indicar uma direção a seguir. É risco porque o educador com isso pode errar e, caso descubra que está errado, terá que modificar sua orientação. Essa orientação porém

não se confunde com manipulação ou direcionismo. Porque a direção apontada pelo educador nasce do diálogo estabelecido entre ele e o educando.

A atividade docente é caracterizada principalmente pelo ato de ensinar. Para Siedentop,

O ato de ensinar apresenta-se como um processo no qual a docência é sensível à avaliação sistemática, capaz de ser dividida em uma série de tarefas que podem ser dominadas, podendo ser examinada através de uma perspectiva teórico-científica e produzir uma teoria de ensaio (SIEDENTOP, apud OLIVEIRA, p. 34).

As tarefas desenvolvidas pelo professor, além de específicas, são também complexas. Sua situação tem implicações sociais, políticas, econômicas e de poder. Para Brasil, "ser educador/mestre exige ultrapassagem, exige deixar de ser foco da relação autoritária para criativamente propiciar ao educando a consciência de sua situação sócio/econômico/cultural" (BRASIL, apud OLIVEIRA, 1988, p.34).

Para o desenvolvimento de suas tarefas, o professor não pode ignorar referências histórico-sociais da escolarização. O momento histórico, a sociedade e a visão de mundo relacionada com mudanças estruturais são preocupações constantes na atividade educacional. Assim sendo, torna-se notória a importância do entendimento das relações políticas, econômicas e de poder da escolarização para o desenvolvimento das atividades exercidas pelo professor.

#### 4.5 - A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física no Brasil está tentando ocupar o lugar que lhe cabe dentro das ciências. O caminho não está sendo fácil, uma vez que, no Brasil, ela começou dentro de uma escola Militar, servindo aos propósitos militaristas de adestramento e preparação para a defesa da Pátria, reforçando os sentimentos relacionados à eugenia da raça, reflexo de ideologia dominante naquela sociedade.

A ginástica, antigo nome dado a Educação Física, foi introduzida nos Colégios Brasileiros por volta de 1874. Alguns anos mais tarde, 1882, o parecer de Rui Barbosa no projeto 224 denominado, "Reforma de Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública" deu destaque à Educação Física como fator formador de jovens.

A organização social dominante neste período fazia e levava em conta a diferença entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, sendo o último atribuição dos escravos e o primeiro da elite dominante. Apoiados nesta visão de homem e de mundo a classe dirigente da época ofereceu grande resistência à introdução da ginástica nas escolas, por esta assemelhar-se ao labor manual, isto é por acharem-na desprovida de valores intelectuais como a matemática, o cálculo integral ou a mecânica racional. Apesar de forte resistência social, na época, contra os cursos de ginástica este repúdio não foi suficiente para conseguir eliminar ou deixá-la fora dos currículos escolares. A partir de então a Educação Física, sempre atrelada a valores morais, médicos e militares da época, tornou-se obrigatória, primeiro nos cursos primário e secundários, e posteriormente em todos os níveis de ensino.

Portanto, a Educação Física há de ser entendida como uma prática educativa inserida num projeto pedagógico global. A execução do projeto pedagógico é de responsabilidade do corpo docente e administrativo de cada escola em particular, e deve levar características e aspirações de sua clientela. A Educação Física deve necessariamente integrar-se nesse projeto, determinando-o e ao mesmo tempo sendo por ele determinado.

De acordo com BRASIL a Educação Física deve ser definida não apenas pelo seu objeto, não podendo "ser considerada isoladamente, mas conjugada à formação intelectual, social, moral e cívica, religiosa, visando cultivar e não cultuar as energias físicas" (BRASIL, apud OLIVEIRA, 1988, p.39).

A Educação Física como componente curricular tem seguido paralelamente à educação e não como parte dela. Servindo a outros objetivos e não relacionados dentro de uma visão histórico-social.

É necessário procurar a dialética de desenvolvimento e aperfeiçoamento do corpo na história e na sociedade brasileira, para que a Educação Física saia de sua condição passiva de coadjuvante do processo educacional, para ser parte integrante deste, buscando colocá-la em seu verdadeiro espaço: área do conhecimento.

O ensino da Educação Física, paralelo ao processo educacional, mas efetivamente dentro da instituição escolar, deve ser analisado hoje, conforme as tendências pedagógicas que a educação brasileira apresentou em sua história.

- Na escola tradicional, a Educação Física se apresentou militarista e higienista. Visava a preparação do indivíduo para a defesa da Pátria, obtendo ele, através de aulas práticas, o vigor físico e a saúde, era a instrução física militar.

- Na escola nova, a Educação Física surge como uma disciplina educativa por excelência, deixando-se os exercícios executados por obrigação, pelos exercícios executados pelo prazer.

- Na escola tecnicista, temos o desporto como conteúdo na escola, indicando a subordinação da Educação Física aos códigos da instituição desportiva (federações e confederações).

- A tendência histórico-crítica da educação, hoje assumida por alguns profissionais de Educação Física, falta clareza do tipo de homem que se pretende formar, pois muitos professores ainda entrelaçam sua prática com a escola nova, na qual as atividades livres tem prioridade.

A Educação Física no quadro geral da Educação, resulta de uma ausência de reflexões e de justificativas convincentes de sua validade pedagógica, bem como de clareza em relação aos objetivos a que persegue. Assunto pouco discutido em debates educacionais e conseqüentemente sujeito a interpretações que não extrapolam o nível do senso comum, ou seja, de que o papel da Educação Física na escola se define, se afirma ou se anula pelo número de medalhas e troféus que conquista (não importando o número de alunos participantes) ou/e pela disponibilidade do profissional desta área do conhecimento humano em organizar "festas" e "auxiliar" em tarefas extra-curriculares.

É necessário clarificar que a expressão Educação Física não pode ser reduzida ao adjetivo físico e desta forma significar educação do físico, do corpo, da substância material do homem; significar um amontoado de receitas para aumentar a resistência ou perder a barriga. Concordo com SOBRAL quando afirma que

O termo físico em vez de ser aplicado ao território corporal pode ser referido a natureza dos meios utilizados e, então a Educação Física passará a ser entendida como disciplina educativa que utiliza meios de natureza física para promover as transformações implícitas no conceito de educação (SOBRAL, 1976, p. 13).

A educação, processo que se caracteriza como uma atividade mediadora no seio da sociedade global e que tem por objetivo a promoção do homem, ou seja, capacitá-lo mais a mais para conhecer os elementos de sua situação e de nela intervir, transformando-a no sentido da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.

Neste sentido, se a função precípua da escola é a de transmissão dos instrumentos de acesso ao saber sistematizado, que possibilite o processo de transmissão-assimilação deste saber cabe as disciplinas que constituem o currículo, transmitir enquanto constitutivas de uma totalidade de conhecimentos, o seu particular sem entretanto estabelecer uma posição com o geral. Não é possível definir a natureza específica de uma Educação Física em relação a totalidade da educação concebida em conjunto.

Portanto, é no processo científico de transmissão do saber sistematizado, que entendemos estar posto o saber corporal, o conhecimento das possibilidades e limites do movimento humano, movimento entendido como expressão-criação, como resultado e como síntese daquilo que o homem realiza em sociedade. É importante clarificar que ao entender a Educação Física como educação, entendemos que o seu material pedagógico - o movimento - não se reduz a um ato puramente biomecânico, mas vai mais além. Este ato motor esta motricidade, este gesto, esta expressão que se dá através do movimento, seja ele codificado (gesto desportivo), seja ele cria-

do (expressão), não é algo explicado apenas pelas funções orgânicas, não é algo que se esgote em tratados anátomo-fisiológicos não é algo que se traduz por tendências naturais, espontâneas e mágicas, pelo contrário, é histórico e social.

A Educação Física, enquanto disciplina curricular que se utiliza do corpo e através de seus movimentos contribui para o crescimento de todas as dimensões humanas, é decorrente de uma concepção de homem e de mundo que traduz a realidade como algo contraditório e que entende a escola como um espaço aberto e uma ação transformadora.

Promover festas e espetáculos, ensaiar bandas, organizar desfiles cívicos, responsabilizando-se por todas as comemorações que acontecem na escola, enfim abarcar o secundário, o extra-curricular. Entendo a contribuição que todas estas atividades possam dar ao desenvolvimento do aluno, entendo também, e por este motivo, que elas devam ser assumidas pelo conjunto de professores da escola e não apenas pelo professor de Educação Física, como se ela fosse uma disciplina vazia de conteúdo, vazia de saber.

Para entender a Educação Física como atividade curricular e como atividade essencial no interior das escolas, há de se ultrapassar aquilo que J. ROUYER chamou de sistema de classes em educação que traz implícita a marca da separação do trabalho intelectual e manual na vida social. Esta acredito ser a construção teórica necessária para a Educação Física.

## 5. 0 - METODOLOGIA

### DELINEAMENTO:

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa (estudo de caso), desenvolvida entre os professores da Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná.

### JUSTIFICATIVA:

A escolha do estudo de caso, um método naturalista de pesquisa educacional, esteve vinculada à intenção de contribuir nesta oportunidade, pelo menos em parte, para que os professores da escola pesquisada, ampliassem sua compreensão da dimensão pedagógica que a disciplina de Educação Física pode oferecer.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados. Segundo LÜDKE e ANDRÉ, " a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada" (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.11).

Optei por esta metodologia, pois a intenção era fazer um estudo em profundidade, onde houvesse possibilidade de se fazer um prolongamento das experiências dos professores, permitindo que os mesmos estabelecessem os valores para sua própria realida-

de, em função das experiências concretas vividas na cotidianidade escolar.

#### MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS:

Após definido o problema, foram consultadas as bibliotecas do Departamento de Educação Física, a Central da Universidade Federal do Paraná e a Pública do Paraná, também obras pertencentes à autores nas quais foram extraídos dados referentes ao tema.

Em uma primeira etapa foram coletados dados em fichas de observação, descrevendo vários momentos e fenômenos próprios do cotidiano escolar.

Num segundo momento, a análise documental nos ofereceu subsídios para a compreensão da estrutura funcional da escola e para coletar informações sobre a história da Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná; o último passo foi realizado através de entrevistas com alguns professores selecionados intencionalmente.

#### DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS E COLETA DE DADOS:

Utilizou-se livros, artigos, revistas e apostilas da área de Educação Física e Educação.

As fichas de observação foram utilizadas por constituírem o instrumento de investigação, que possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o pico investigado. No conteúdo destas, foram registrados os sujeitos, o local, o dia, a hora e o período de duração.

A análise documental nos forneceu dados para complementação de informações obtidas pelos outros procedimentos e também para desvelar aspectos novos para o tema. Os materiais utilizados como fonte de análise documental foram:

- a) Regimento interno da Escola Técnica da UFPR;
- b) Projeto sobre a História da Escola Técnica da UFPR;
- c) Portaria designando os professores da Escola Técnica da UFPR, para os Colegiados de Área.

As entrevistas seguiram o formato semi-estruturado. Aos professores foram informados os objetivos e as intenções da pesquisa assegurando-lhes a manutenção do seu anonimato. Estas informações foram registradas através de notas, procurando-se garantir ao informante um clima de confiança.

A entrevista baseou-se em um roteiro de dez a doze questões, formuladas antecipadamente e reformuladas conforme o transcorrer da mesma. As questões buscaram elucidar as interrogações levantadas no projeto, sobre a representação da disciplina de Educação Física entre professores de outras áreas de ensino.

No universo de professores da Escola Técnica da UFPR, foram selecionados intencionalmente sete, usando-se como critério o cargo e a diversificação das disciplinas.

Através destas informações que foram selecionadas segundo critérios de relação com o problema, fizemos um levantamento de dados que analisados e interpretados nos levaram a conclusão desta pesquisa.

## 6.0 - TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

A Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, escolhida para realizar este estudo, está instalada no prédio central da UFPR, na praça Santos Andrade em Curitiba. Ela foi criada em 1869 pela Colônia Alemã de Curitiba, em 1914 passou a denominar-se Colégio Progresso. Em 1941, foi comprada pela Faculdade de Direito da UFPR, sendo denominada a partir daí como Escola Técnica de Comércio, anexa a Faculdade de Direito da UFPR.

Em janeiro de 1974 o Conselho Universitário decidiu integrá-la a UFPR, com a denominação de Escola Técnica de Comércio da UFPR, ofertando o curso de Técnico em Contabilidade no período noturno. Embora reconhecida desde 1974, somente em 1986 a situação dos professores e da Escola foi totalmente regularizada perante a estrutura universitária.

Com a aprovação da reorganização administrativa da UFPR em dezembro de 1990, o Conselho Universitário alterou a sua denominação para Escola Técnica da UFPR, atribuindo-lhe categoria de Órgão Suplementar, vinculado a Pró-Reitoria de Graduação, com o objetivo de oferecer cursos de 2º grau, voltados para o ramo terciário de economia.

Na Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná, existe atualmente os cursos de Técnico em Processamento de Dados, Enfermagem, Higiene Dental, Prótese Odontológica e Contabilidade.

Com a incorporação pela Universidade a escola sofreu mudanças em sua estrutura funcional e administrativa. O aumento do número de alunos matriculados e a oferta de novos cursos ampliou os velhos problemas que a escola historicamente enfrentava, além de inaugurar novos problemas, tais como a falta de espaço físico, ausência de professores especializados, profissionais para a área administrativa e até material didático passou a ser insuficiente.

O novo regimento interno da Escola Técnica da UFPR divide as disciplinas em três colegiados de área: Núcleo Comum, Núcleo Técnico e de Educação Física. Como podemos notar, a Educação Física parece merecer um tratamento diferenciado, não sendo incluída como matéria de núcleo comum, nem do núcleo técnico.

A Educação Física, na Escola Técnica da UFPR, fica isolada em um Colegiado específico de sua área, não havendo nenhum contato com o conjunto das demais disciplinas, proporcionando assim um afastamento do todo escolar.

Não existe discussão de programas e metas comuns, a prática educativa fica restrita ao conteúdo que cada professor escolhe para sua disciplina. A elaboração e a execução de projetos pedagógicos, ficam sob a responsabilidade de cada área específica, os Colegiados não se reúnem para discutirem problemas comuns, não há um envolvimento maior dos professores, cada qual discute e soluciona seus problemas separadamente.

Retratando esta realidade particular e analisando seus processos, interações e organização interna, procurei compreender e interpretar a dinâmica concreta do trabalho pedagógico, particularmente no que concerne à disciplina de Educação Física.

A coleta de dados e as interpretações foram obtidas através da observação direta, análise documental e de entrevistas dirigidas a alguns professores lotados na Escola Técnica da UFPR.

A intenção desse trabalho está em demonstrar a contradição entre o discurso escolar e, sobretudo, a Legislação escolar, que consideram a Educação Física como disciplina formativa nos currículos, e a imagem real e o significado concreto da disciplina no interior da escola. A opção pela pesquisa de caso se inscreve na necessidade de romper com a dificuldade de obter esse tipo de informação, sem se defrontar com uma série de dados superficiais sobre a imagem do professor.

A obrigatoriedade advém desde 1961, em Legislação pertinente às diretrizes e bases da educação para o ensino de 1º e 2º graus, a Lei nº 5.692 dispôs em seu art. 7º a obrigatoriedade da inclusão da Educação Física nos currículos plenos dos Estabelecimentos de Ensino de 1º e 2º graus. Ainda neste mesmo ano, o decreto nº 69.450 regulamentou o art. 22 da Lei nº 4.024, bem como parte do art. 7º da Lei 5.692, tratando especificamente da Educação Física como atividade escolar integrante do currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

Ao fixar o núcleo comum para os currículos de Ensino de 1º e 2º graus, o Conselho Federal de Educação, em 1984, assim dispôs:

Art. 1º - O núcleo-comum a ser incluído, obrigatoriamente nos currículos plenos de ensino de 1º e 2º graus, abrangerá as seguintes matérias:

- a) Comunicação e Expressão - Língua Portuguesa;
- b) Estudos Sociais - Geografia, História, OSPB e EMC;

- c) Nas Ciências - Matemática, Ciências Físicas e Biológicas;  
§ 2º Exigem-se também a Educação Física, Educação Artística e Educação Moral e Cívica, Programa de Saúde e Ensino Religioso.

Há muito se discute o porquê da obrigatoriedade da disciplina de Educação Física nas escolas, sua real contribuição para o universo educativo, seus pressupostos metodológicos e didáticos. Contudo, o discurso da educação integral cada vez mais se torna vazio frente à realidade concreta da escola, que estabelece uma imagem da disciplina totalmente conflitante com as intenções anunciadas pela política educacional.

A imagem de uma disciplina é produto da combinação entre a prática profissional e suas relações com os outros profissionais e suas relações com os outros profissionais que compartilham e convivem na escola. Perceber essa imagem é condição para pensar o papel e as possibilidades da Educação Física Escolar.

A Educação Física, assim como as outras disciplinas, são pertencentes ao elenco curricular e representam, na realidade, um reflexo da escola, ou seja: a perspectiva de formação do projeto pedagógico. Toda e qualquer dificuldade ou perturbação que sofram as atividades pedagógicas constituem problemas da escola, pois são essas as vias propulsoras e mantenedoras da formação do cidadão definida pela escola e pelas políticas educacionais.

No tocante à Escola Técnica da UFPR, os professores de outras áreas demonstraram um conhecimento superficial dos conteúdos, objetivos e importância da Educação Física para a formação do educando. Assim como os professores de Educação Física cada vez mais se omitem em relação aos problemas mais gerais da escola

Há uma tendência perigosa de fragmentação e de isolamento completo da disciplina no âmbito escolar.

Podemos perceber esse distanciamento no próprio espaço destinado as aulas de Educação Física, que não correspondem aos horários e ao espaço da própria escola. A Professora Bernardete aborda essa questão:

Se o espaço físico onde são ministradas as aulas fosse mais próximo ou no próprio local das aulas teóricas o relacionamento com os professores de outras áreas seria mais fácil, eles estariam mais próximos para participarem de atividades de Educação Física (BERNARDETE, anexo, p.40).

Já o Professor Genésio considera que:

Esta relação deve iniciar com os planejamentos feitos nas escolas, não só aqui na Escola Técnica da UFPR, a Educação Física não pode ser um elemento estanque, não deve ter somente o caráter competitivo. Procurar mais a formação do indivíduo (GENÉSIO, anexo, p.55).

Com a separação em Colegiados de área o trabalho ocorre de forma fragmentada, sem uma sequência lógica que norteie os princípios fundamentais que a escola se propõe a desenvolver. Essa característica não é exclusividade da disciplina de Educação Física, mas de todas as disciplinas do currículo escolar.

A Educação Física não foge a essa regra perversa, pelo contrário, fortalece essa tendência ao reivindicar cada vez mais uma natureza específica, particular, diferente das outras disciplinas escolares. A disciplina luta para ser reconhecida como disciplina do currículo escolar, mas permanece presa a suas próprias contradições.

Segundo Cysneiros,

desconhecida por muitos, praticada por alguns e defendida por poucos a Educação Física vem através dos anos procurando oportunidade de integrar o processo educacional como atividade curricular regular (CYSNEIROS, apud OLIVEIRA et al, 1988, p.23).

A preocupação maior dos professores da Escola Técnica da UFPR é basicamente aquela que diz respeito ao bom andamento da sua respectiva disciplina, como adequar seu planejamento às turmas específicas e principalmente em assegurar o interesse de seus alunos. Não existe um sistema de avaliação comum à todos, cada professor avalia seus alunos da forma que melhor lhe convier. Os conteúdos são discutidos nos Colegiados, entre os professores de cada disciplina, sem qualquer relação entre esses conteúdos e as demais disciplinas, dificultando qualquer possibilidade interdisciplinar. —

Negligenciada, disposta como simples atividade, a disciplina só é exigida na organização das famosas competições internas. A máxima prioridade da disciplina está nos aspectos extracurriculares, tais como festas, atividades recreativas, jogos internos, etc.

É interessante observar também que a Educação Física é a única disciplina obrigatória, que tem uma Legislação que permite a dispensa de grande parte de seus alunos, alegando razões que olhadas com atenção, mostram que exatamente estes alunos dispensados, são os que mais necessitam da atividade física: a obrigatoriedade é anulada pela própria lei, que não dispensa o aluno de qualquer outra disciplina.

Analisando o aspecto de operacionalização da Legislação em vigor, a prática regular obrigatória da Educação Física no ensino de 2º Grau, na qual a Escola Técnica da UFPR esta vinculada, tem provocado as dispensas em massa dos alunos dos cursos noturnos, pois esses estudantes na sua ampla maioria requerem sua dispensa da disciplina, principalmente porque ela é desenvolvida em horários e dias fora da sua grade curricular normal.

Esse fenômeno gera necessidade do professor de Educação Física exigir trabalhos teóricos que, invariavelmente, assumem uma conotação formal de avaliação, sem qualquer significado concreto de avaliação ou implicação de transmissão de conhecimentos: é o preço da dispensa.

As competições internas conseguem atrair alguns dos alunos dispensados, mas somente para exteriorização das práticas competitivas e de disputa, que quase sempre estão vinculadas a rixas entre turmas e/ou alunos, sem qualquer dimensão educativa-pedagógica.

Se o objetivo a ser alcançado com a Educação Física é a formação do homem, o aluno dispensado das aulas de Educação Física não estaria sendo prejudicado na sua formação?

A contradição dos legisladores não é, contudo, o fator determinante da atual situação da Educação Física Escolar. Ao contrário, é antes reflexo da história e do nível de desenvolvimento da Educação Física como área de conhecimento humano e como prática pedagógica em nosso país. Nascida e implantada por obra das Forças Armadas nas primeiras décadas do século, a Educação Física brasileira identificou-se, de início, com o pensamento conservador, com a educação para a obediência e com a rigidez

hierárquica. Apenas mais recentemente ocupou-se do questionamento crítico de seus valores e métodos, de seu embasamento científico e da formação de recursos humanos qualificados, para tornar concreto no plano pedagógico e social os benefícios que propõe em seu discurso.

O professor de Educação Física, sobretudo nas últimas décadas, tem se refugiado na obrigatoriedade legal como reserva de mercado, esquivando-se da tarefa de demonstrar o seu valor cultural e societário. Atribuir a péssima imagem do professor de Educação Física no interior da escola a uma vaga falta de conscientização, não explica o complexo fenômeno social de valorização do corpo em detrimento do profissional responsável pela cultura corporal.

Através da pesquisa feita com professores de outras áreas de ensino na Escola Técnica da UFPR, a visão de Educação Física como disciplina formadora é infirmada pela imagem de atividade curricular obrigatória, sem implicações sérias no desenvolvimento prático dos objetivos da escola.

Segundo Chagas a "Educação Física não conseguiu até hoje ocupar o lugar que naturalmente lhe cabe no efetivo desenvolvimento do currículo escolar em razão do formalismo com que é revestida (CHAGAS, apud OLIVEIRA et al, 1988, p.24). Da mesma forma Perez considera que com

exceção de iniciativas isoladas em algumas escolas brasileiras, a Educação Física não tem cumprido sua parte na preparação integral dos nossos jovens, pois parece uma atividade isolada, desintegrada do processo educacional. Aos olhos dos alunos e de seus pais, é considerada uma maçada ou uma perda de tempo. Aparece mais como um passatempo, uma recompensa ou uma pausa reparadora antes do verda-

deiro esforço (PEREZ, apud OLIVEIRA et al, 1988, p.24).

Segundo o Professor Cezar "apesar de estar um pouco alheio e também por não acompanhar o desenvolvimento das atividades práticas, acho que o trabalho dos professores de Educação Física é bastante eficiente dentro da Escola" (CEZAR, anexo, p.43), ou seja, apesar de não conhecer nada que se passa dentro da disciplina considera-a fundamental. Na prática a disciplina é ignorada no interior da escola, embora seja considerada, paradoxalmente, como eficiente e necessária pelos professores.

Alguns professores remetem os problemas da falta de integração ao espaço físico: "as aulas uma vez por semana e a falta de ambiente, local de trabalho apropriado para a Educação Física, prejudicam o desenrolar das atividades. Mesmo assim, há um bom desenvolvimento das atividades, pelo que ouço dos alunos" (FERNANDA, anexo, p.52).

Com as atividades restritas a uma vez por semana, os professores da área de Educação Física ficam sujeitos à cumprir sua carga horária com permanências na escola, sendo-lhes exigido às vezes a elaboração e execução de tarefas técnico-administrativas, ou mesmo na falta de professores de outras áreas, substituí-los em sala, com atividades criadas para esse fim.

Outro fato que nos chamou à atenção foi o caráter diferencial que os professores de outras áreas sentem em relação ao professor de Educação Física. Pode-se perceber este fato, quando são relatadas nas entrevistas as qualidades julgadas necessárias para um professor de Educação Física. Pelo relato, esse caráter diferencial advém do próprio comportamento dos professores de Educação Física, pelo seu discurso e também pelo relacionamento di-

ferenciado com os alunos.

Esse caráter diferencial é relatado pela Professora Ermelinda, que considera como qualidades fundamentais para um professor de Educação Física: "Conhecimento, o domínio de conteúdos e o relacionamento aluno/professor que na Educação Física é bem mais importante que em outras áreas" (ERMELINDA, anexo, p.49). Já o Professor Genésio, acredita que o professor "é um líder nato pela própria oportunidade que a matéria dá. O Professor de Educação Física não aproveita seu potencial para auxiliar a integração dentro da escola" (GENÉSIO, anexo, p.55).

A Educação Física por um lado é apresentada como diferente, especial, capaz de auxiliar na integração da escola. Contudo, quando olhamos para o terreno da intervenção pedagógica, percebemos que a disciplina é considerada como atividade complementar, presente pela força da legislação, e necessária para os momentos extra-curriculares. O professor de Educação Física é um professor sem especificidade, sem conteúdos para ministrar, sem rigores na avaliação e, sobretudo, sem qualquer compromisso com a qualidade do ensino ministrado na escola.

## 7.0 - CONCLUSÃO

- Os professores das outras áreas de ensino demonstraram conhecimento superficial dos conteúdos, objetivos, metas e importância da Educação Física para a formação do educando.

- Na prática a disciplina de Educação Física é ignorada no interior da escola, embora seja considerada, paradoxalmente, como eficiente e necessária pelos professores de outras áreas.

- A disciplina é considerada como atividade complementar presente somente pela força da legislação e necessária para os momentos extra-curriculares.

- A imagem do professor de Educação Física é de um professor sem especificidade, sem conteúdos para ministrar, sem rigores na avaliação e, sobretudo, sem qualquer compromisso com a qualidade de ensino ministrado na escola.

## 8.0 - ANEXOS

Entrevistas feitas com os professores lotados na Escola Técnica da Universidade Federal do Paraná.

### ENTREVISTA 01:

LOCAL: ESCOLA TÉCNICA DA UFPR.

DIA: 13/05/93

HORÁRIO: 14:15 Hs. (início) 14:55 Hs. (término)

PROFESSOR: AURÉLIO

PERGUNTA 01 - Como eram suas aulas de Educação Física nas escolas onde estudou?

R - Professor A (pensando)

Bem, eu estudei em uma escola estadual, onde os exercícios físicos eram obrigatórios. Tive somente 2 anos de Educação Física no 1º grau, no 2º grau comecei a trabalhar e estudar à noite, conseqüentemente fui dispensado das aulas de Educação Física.

O que me lembro bem é que nós ficávamos enfileirados, havia muita rigidez e cobrança por parte dos professores, ou seja os professores de Educação Física. Também jogávamos futebol de campo e futebol americano.

PERGUNTA 02 - Como você era como aluno de Educação Física?

R - Professor A - Sinceramente era a aula que mais gostava, pois gostava de todas as atividades , salto em altura, distância e principalmente do futebol que infelizmente eram poucas aulas. O futebol americano era feito sem regras, uma correria.  
(risos)

Participava sempre em todas as atividades. Eu sempre me destaquei, acho porque eu gostava muito, levava alguns arranhões mas sempre continuava a participar.

PERGUNTA 03 - Você lembra de algum fato que lhe marcou nas aulas de Educação Física?

R - Professor A - Hum... um título de futebol no 1º grau, a sala foi campeã, eu fiz o gol da vitória. Há outra coisa eu sempre procurava orientar a equipe (líder), eram várias faixas etárias, eu era um dos maiores da turma também.

PERGUNTA 03 - E o material esportivo e o espaço físico como eram?

R- Profes. A- Não tínhamos uma quadra decente, havia um campo de futebol, um pátio grande ao lado da escola onde fazíamos as aulas de Educação Física.

O material era precário, tinha somente uma bola de futebol e uma de futebol americano, nós tínhamos este esporte porque o professor de Educação Física gostava e sabia jogar. Muitos colegas não sabiam e portanto não gostavam do esporte.

PERGUNTA 04 - As turmas eram separadas por sexo?

R - Professor A - Sim, o feminino jogava volei e caçador, mas não consigo lembrar do local onde eram feitos esses jogos..Lembrei... o volei era no pátio, tinha uma rede oficial e um campo demarcado, havia somente uma bola.

PERGUNTA 05 - Você chegou a ser atleta?

R - Professor A - Fui sim, é claro que no futebol pois foi com que me identifiquei mais, não por falta de oportunidade com os outros esportes, pois sei jogar todos.

PERGUNTA 06 - Que experiência além dos treinamentos você tem na Educação Física?

R - Professor A - Ajudei na realização da semana esportiva da Escola Técnica de Comércio, quando o professor Z era do quadro da escola. Eram apenas 3 turmas, mas foi muito animado. Os jogos foram realizados no Departamento de Educação Física da Universidade Federal, ajudei também a arbitrar o tenis de mesa, volei e futebol de salão.

PERGUNTA 07 - E aulas de Educação Física você chegou a dar?

R - Professor A - Sim, quando o professor Z não podia ir eu o substitua. Hoje dou treinamento de futebol de campo, lá no Centro de Educação Física, junto com todos vocês da área.

PERGUNTA 08 - Como você vê ou como você acha que deveriam ser as relações da disciplina com as outras?

R - Professor A - Juntar a Educação Física com as matérias de cultura geral, através de gincanas. Redações no Português falan-

do de Educação Física.

Acho também que existe um bom relacionamento com os demais professores, poderia ser melhor se as aulas de Educação Física fossem no próprio local da escola ou pelo menos mais próximo, assim os demais professores poderiam participar mais.

PERGUNTA 09 - Que qualidades além de vocação é claro, você julga serem necessárias para ser um professor de Educação Física?

R - Professor A - Procurar adquirir com a experiência o dom da amizade. O professor deve fazer e participar das atividades junto com os alunos.

É como acontece comigo no treinamento de futebol, depois que fui conversar com os alunos principalmente os do noturno, os quais em sua maioria são dispensados, eles vieram procurar o treinamento.

PERGUNTA 10 - Pelo seu convívio com professores de Educação Física o que você acha das aulas?

R - Prof. A - Dentro da atual concepção de Educação Física, acho que as aulas são dadas da melhor forma possível, poderiam ser muito melhores se não fosse a falta de material e de espaço físico.

PERGUNTA 11 - Pelo que pude sentir você gostaria de ter sido um professor de Educação Física?

R - Prof. A - Olha, sempre foi meu sonho, pois sempre fui muito ligado ao esporte e pela facilidade que tenho de me relacionar com os alunos.

ENTREVISTA 02:

LOCAL: ET.UFPR

DIA: 13/05/93

HORÁRIO: 15:15 Hs. (início) 16:03 Hs. (término)

PROFESSORA: BERNARDETE

PERGUNTA 01 - Você lembra como eram suas aulas de Educação Física?

R - Prof. B - Bem, eu frequentei 2 escolas no 1º grau que eram da rede particular de ensino e uma de 2º grau também particular.

No 1º grau as aulas eram extremamente tradicionais, o colégio era de freiras, para você ter uma idéia.

No 2º grau, as freiras eram muito quadradas, faziam a gente usar um calção horrível com uma saia por cima (risos), era simplesmente ridículo.

Os pais e nem mesmo os amigos podiam entrar no local das aulas, era proibidíssimo. As aulas eram mais ligadas ao esporte. O voleibol, queimada e basquetebol, eram ensinadas as regras e, lembro também dos passes. Há.. meu pai foi campeão em voleibol, talvez por isso me identifiquei mais com este esporte.

Não lembro muito bem das aulas, mas, havia aquecimento depois eram ensinados os fundamentos e finalmente o jogo.

PERGUNTA 02 - E Você gostava das aulas de Educação Física?

R. Prof. B - Gostava muito às vezes não podia participar por problemas de saúde, ficava muito chateada. Lembro de uma vez que quebrei o pulso, jogando queimada, aqui parece que vocês chamam de caçador, não é?

PERGUNTA 03 - O que te marcou mais e que você lembra até hoje na Educação Física?

R - Prof. B - Jogar com aquele calção horrível, com saia por cima e também quando quebrei o pulso.

PERGUNTA 04 - Vocês tinham um espaço e material bons para a prática da Educação Física?

R - Prof B - No 1º grau havia um pátio grande e aberto e uma quadra, a escola era só feminina, lembro também de um campo coberto onde fazíamos as atividades quando chovia.

No 2º grau não tinha muito espaço, o material eram algumas bolas, rede de volei e bamboles.

PERGUNTA 04 - Algum professor de Educação Física te marcou na época?

R. Prof. B - Não porque não lembro nem de suas fisionomias.

PERGUNTA 05 - Você fez algum esporte em sua juventude?

R. Prof. B - Não cheguei a ser atleta, mas quando criança, na pré-escola comecei a nadar. Tio W que me ensinou a nadar com bóia ele queria que eu fosse nadar no fluminense. Minha mãe não deixou continuar.

PERGUNTA 06 - Alguma vez já trabalhou com Educação Física?

R. Prof. B - Com Educação Física especificamente não, mas com psicomotricidade no IC no RJ, era muito gostoso, fazíamos com que eles tivessem através dos movimentos dos bichos uma melhor conscientização do seu próprio corpo.

PERGUNTA 07 - E eventos já ajudou a organizar?

R. Prof. B - Sim, também com deficientes. O Fórum Nacional do Esporte no Rio de Janeiro, organizei mais a parte social, foi onde conheci uma pessoa fantástica. O professor X aqui de Curitiba também conheci lá, uma ótima pessoa e um excelente professor.

PERGUNTA 08 - E aqui na Escola Técnica da UFPR você acha que a Educação Física poderia estar mais relacionada à outras disciplinas?

R. Prof. B - Poderia estar sim, se o espaço físico onde são ministradas as aulas fosse mais próximo ou no próprio local das atividades teóricas, assim o relacionamento com os professores das outras áreas seria mais fácil, eles estariam mais próximos para participarem de atividades de Educação Física. Gincanas Culturais, dar exemplos das matérias em aulas de Educação Física e vice-versa, olimpíadas com participação de todos os professores de diferentes áreas.

PERGUNTA 09 - Quais as qualidades que você julga serem necessárias para um professor de Educação Física?

R. Prof. B - Muita paciência, sensibilidade para lidar com o aluno, muita criatividade e também domínio das técnicas.

PERGUNTA 10 - Você não assistiu a nenhuma das aulas práticas da escola, só acompanhou o desenvolvimento do planejamento e observou à algumas aulas teóricas, o que achou deste trabalho dos professores da área?

R. Prof. B - O desempenho foi bom pelo que pude observar, ouvi a alguns comentários de alunos a este respeito, também elogiando

a boa vontade dos professores em ministrarem principalmente os treinamentos, quase sem material. Acho também que esses alunos deveriam ser mais atraídos para a prática das atividades de Educação Física, através de mais eventos desenvolvidos na área, ou sejam atividades jogando um pouco do tradicional.

PERGUNTA 11 - Você já sentiu alguma vez vontade de trabalhar na área de Educação Física ou mesmo de ser um professor de Educação Física?

R. Prof. B - Trabalhar na área sim, até já comentei com você anteriormente, trabalhei com psicomotricidade e gostei muito, agora ser professor eu não tenho espírito, sou muito preguiçosa e também sou muito pouco ligada ao culto do corpo.

ENTREVISTA 03:

LOCAL: ET.UFPR. (sala: escritório modelo)

DIA: 18/05/93

HORÁRIO: 14:07 (início) 14:42 (término)

PROFESSOR CEZAR

PERGUNTA 01 - Suas aulas de Educação Física como eram, descreva-as dentro de que mais lhe marcou:

R. Prof. C - No 1º grau era feito um aquecimento, exercícios respiratórios, torácicos e exercícios de membros superiores e inferiores. Fazíamos também o exercício de ataque e defesa, de empurrar um ao outro, me recordo bem.

A professora não era rígida, era muito amiga. Jogávamos

mos futebol, os próprios alunos é que levavam a bola. Haviam muitas apresentações com todos os grupos escolares da cidade, fazíamos exercícios todos juntos como se fosse uma coreografia. Tínhamos ensaios geral com união de todos os grupos num só, eram exercícios com música (tango e valsa).

Já no 2º grau não fiz Educação Física, pois comecei a trabalhar.

PERGUNTA 02 - Você gostava das aulas de Educação Física?

R. Prof. C - Gostava muito, participava sempre que podia.

Lembro que o governador naquela época nos deu calção e camiseta, há... também merenda, bons tempos aqueles.

PERGUNTA 03 - Um fato que lhe marcou na Educação Física?

R. Prof. C - As apresentações na semana da Pátria, as quais nunca vou esquecer, eram muito bem organizadas e bonitas. A população prestigiava, a gente era como se fosse um artista.

PERGUNTA 04 - Vocês tinham material e espaço físico bons para o desenvolvimento das aulas?

R. Prof. C - Não tinha material, havia um campo de futebol, um pátio grande e um campo de areia. O colégio era bastante espaçoso. Eu sempre tive aula com uma professora, as turmas eram mistas, os exercícios eram feitos intercalando um menino e uma menina. Nossa professora era muito competente, admirável e gostava do que fazia.

PERGUNTA 05 - Alguns eventos foram desenvolvidos por você na área de Educação Física?

R. Prof. C - A única experiência que tenho são as aulas de Educação Física que participei.

PERGUNTA 06 - Como as outras disciplinas devem estar mais ligadas a Educação Física?

R. Prof. C - Acho que as disciplinas se complementam, criar é muito importante, usar exemplos do dia a dia.

PERGUNTA 07 - Que qualidades você julga serem necessárias e importantes para um professor de Educação Física?

R. Prof. C - Gostar do que faz, respeitar o ser humano, compreendê-lo. Conhecer também psicologia do relacionamento.

PERGUNTA 08 - Pelo seu relacionamento com professores de Educação Física na Escola Técnica, qual a sua opinião a respeito de seu trabalho?

R. Prof. C - Apesar de estar um pouco alheio e também por não acompanhar o desenvolvimento das atividades práticas acho que é bastante eficiente, uma vez que presenciei uma homenagem dos formandos à uma professora de Educação Física da Escola, por ocasião da formatura.

PERGUNTA 09 - Teria sido um professor de Educação Física em sua juventude?

R. Prof. C - Não, porque sempre fui muito ligado a minha área, a técnica, na qual leciono e faço com bastante amor, talvez se tivesse me conduzido para a área de Educação Física certamente também o faria com muito amor, devido a boa experiência que tive como aluno.

ENTREVISTA 04:

LOCAL: ET. UFPR. (Sala: Escritório modelo)

DIA: 18/05/93

HORÁRIO: 16:03 (início) 16:42 (término)

PROFESSOR DIMITRI

PERGUNTA 01 - Onde você estudou como eram as suas aulas de Educação Física?

R. Prof. D - Bem, eu tive somente 3 professores, um bem diferente do outro. As aulas eram recreativas, principalmente no 1º ano do 2º grau, havia aquecimento e alguns exercícios específicos eles não deixavam a gente fazer aula sem aquecimento. No 2º ano tivemos uma aula que não me esqueço, com bastões, nunca tínhamos visto aquilo, mas encaramos. Não tivemos parte esportiva.

Eu comecei a treinar voleibol por vontade própria e também por incentivo de um dos professores.

No 3º ano a Educação Física foi fraca, lembro que a gente ficou de babá da 8ª série que fazia aula conosco. Corríamos em volta do CC e depois íamos para a quadra.

PERGUNTA 02 - Você gostava de fazer aula?

R. Prof. D - Gostava muito, nunca fui de matar aulas, todas para mim eram agradáveis.

PERGUNTA 03 - Algum fato lhe marcou?

R. Prof. D - O caso da aula com os bastões, onde o professor deu o material nas mãos dos alunos e disse quero que vocês façam exercícios com este material. Outro fato que me marcou muito é

que não competíamos uns com os outros, éramos um grupo muito unido.

PERGUNTA 04 - Tinham material para essas aulas?

R. Prof. D - O Colégio estava em construção, hoje existe uma quadra, mas na época era aberto e quando chovia era uma calamidade. Algumas aulas eram desenvolvidas no PP, utilizávamos a quadra do condomínio que ficava ali perto.

PERGUNTA 05 - E seus professores como eram?

R. Prof. D - O professor do 1º ano me marcou muito, pois me incentivou para prática desportiva. No 2º ano não gostei do professor, as suas aulas não eram motivantes. No 3º ano gostei pois eram aulas de condicionamento físico, me ajudavam no treinamento. Havia diálogo com eles, no 2º e 3º anos senti que os professores não preparavam suas aulas e nem estavam preparados para dar aulas.

PERGUNTA 06 - Como você chegou a ser atleta, por opção ou por necessidade de complementação de atividades físicas?

R. Prof. D - Fui atleta na modalidade de voleibol, por opção e também por incentivo de um dos professores. No estado onde morei sempre ia assistir aos jogos e ajudava a marcar os pontos. Só parei quando entrei na faculdade.

PERGUNTA07 - Participou de eventos? Já deu aulas de Educação Física?

R. Prof. D - Como atleta participei de muitos eventos. Aulas não cheguei a dar. Fui presidente do Grêmio da Universidade,

onde consegui alguns uniformes para a turma participar dos campeonatos. Algumas vezes fui técnico da equipe.

PERGUNTA 08 - Você acha que a Educação Física deveria estar mais relacionada com as outras disciplinas? Como?

R. Prof. D - Não consigo ver este elo, pois os conteúdos são momentâneos. Talvez o caminho seja este, quando estou falando sobre, por exemplo, a oxigenação/respiração, ácido lático, transpiração, citar alguns exemplos dentro da Educação Física.

PERGUNTA 09 - Que qualidades você julga serem necessárias para o professor de Educação Física?

R. Prof. D - O mais importante é o relacionamento com os alunos isto supera tudo, consegue-se tudo.

PERGUNTA 09 - Dentro da convivência na escola, qual seu pensamento à respeito dos professores de Educação Física?

R. Prof. D - Acho que tem tudo para dar certo, a equipe é altamente capaz, tem pique, não é desmotivada. O fato de não termos local próprio, as aulas serem fora do horário e pouco material estas aulas não deixam a desejar.

PERGUNTA 10 - Você pensou alguma vez em ser professor de Educação Física?

R. Prof. D - Apesar de treinar e por sempre ter gostado de esportes, nunca pensei. Acho que não tenho preparo. Sou fanático por jogos, sempre assisto, olimpíadas, copas, etc..

ENTREVISTA 05:

LOCAL: ET.UFPR

DIA: 20/05/93

HORÁRIO: 14:08 Hs. (início) 14:45 Hs (término)

PROFESSORA ERMELINDA

PERGUNTA01 - Descreva como eram suas aulas de Educação Física:

R. Prof. E - Bem, o que eu me lembro é que o professor jogava uma bola para que jogássemos caçador e no final de cada bimestre para se obter uma nota, fazíamos aqueles testes de aptidão física. Quem conseguisse mais abdominais, flexões de braço, corrida em 12 minutos, tinha também o famoso canguru, isto tudo no 1º grau. No 2º grau tive handebol e no 3) grau tivemos natação, onde era feito um aquecimento e exercícios específicos.

PERGUNTA 02 - Você gostava das aulas de Educação Física?

R. Prof. E - Sim, principalmente no 1º grau, adorava jogar queimada.

PERGUNTA 03 - Algum fato te marcou nesta época?

R. Prof. E - Nenhum em especial, só perdi um brinco que gostava muito, e algumas vezes virei o pé.

PERGUNTA 04 - A escola possuía algum material para estas aulas?

R. Prof. E - Sim, algumas bolas e 2 quadras de voleibol e basquete. No 2º grau escolhi o handebol, pois preferi o horário em que era ministrado. Algumas modalidades eram desenvolvidas em Clubes, como a natação e o basquetebol.

PERGUNTA 05 - Você chegou a treinar handebol?

R. Prof. E - Não, não treinei, só escolhi o handebol por ser desenvolvido na própria escola. Já a natação era em horário diferente e no Clube, ficando difícil para ir.

PERGUNTA 06 - Teve alguma experiência com Educação Física?

R. Prof. E - Em 1980 passei no concurso da prefeitura de 1ª a 4ª série, assim trabalhei como recreacionista, gostei muito e me adaptei bem, não tinha experiência alguma, mas eles ofereciam cursos bimestrais, assim nós aprendíamos tudo o que tínhamos que ensinar aos alunos. A turma era especial, assim o trabalho era mais livre, a criança fazia as atividades que mais gostasse. A experiência foi muito válida, principalmente porque haviam crianças com deficiência.

Nas aulas normais os professores reclamavam muito da disciplina em sala, mas na minha aula eles eram bem comportados, acho que era porque faziam o que gostavam, não tive problemas. O que mais gostavam era de fazer rolamentos; na escola tinha um pequeno morro e de lá eles desciam rolando, era a maior alegria.

PERGUNTA 07 - Você acha que a Educação Física deveria ser mais relacionada com outras disciplinas?

R. Prof. E - Tudo o que seja para ter relacionamento entre uma matéria e outra é bastante válido.

Em minha área por exemplo, depende da série mas o trabalho com figuras relacionadas com áreas, perímetros, círculos e volume posso exemplificar dentro da Educação Física.

PERGUNTA 08 - Que que qualidades você julga serem necessárias para o professor de Educação Física?

R. Prof. E - Conhecimento, domínio de conteúdos, relacionamento professor/aluno, pois na Educação Física é bastante importante.

PERGUNTA09 - Você acompanha as atividades dos professores de Educação Física?

R. Prof. E - Tenho um filho na escola, começou a trabalhar agora, mas, anteriormente sempre acompanhava o trabalho. Procuram resolver os problemas de alunos que fazem estágio, os que faltam muito procurando motivá-los a voltar a prática de Educação Física.

PERGUNTA 10 - Através do trabalho de recreacionista, isto não te levou a pensar em ser professora de Educação Física?

R. Prof. E - Não porque acho que não me identifico como professora de Educação Física. Gosto e já gostava muito da área que escolhi.

#### ENTREVISTA 06:

LOCAL: ET.UFPR.

DIA: 22/05/93

HORÁRIO: 16:09 Hs (início) 16:40 Hs. (término)

PROFESSORA FERNANDA

PERGUNTA 01 - Fale a respeito de suas aulas de Educação Física?

R. Prof. F - Só tive Educação Física no magistério, eram exercícios físicos, volei e basquetebol. Preparavam os professores para

darem aulas nas 4 primeiras séries do 1º grau.

PERGUNTA 02: O que você lembra destas aulas?

R. Prof. F - Na primeira parte da aula eram feitos os exercícios físicos e na segunda parte os jogos. Minha aula era às 5:00 Hs. da manhã, porque éramos a primeira turma e só havia uma professora, ela tinha que atender todas as turmas, não tinha luz, a energia era a motor.

O local da Educação Física era no próprio colégio. Tínhamos 3 aulas semanais, uma de exercícios físicos e outras duas de esportes.

PERGUNTA 03 - Você gostava das aulas?

R. Prof. F - Adorava tudo, fazia parte da equipe do colégio. Minha turma foi a primeira a fazer parte da equipe da escola, sempre íamos jogar nas cidades vizinhas.

PERGUNTA 03 - Algum fato lhe marcou nas aulas de Educação Física?

R. Prof. F - Quando a turma de NE veio jogar conosco, passaram o dia numa fazenda, e nós sempre procurando cansá-los para que perdessem o jogo.

PERGUNTA 04 - Como era o material para essas aulas?

R. Prof. F - Era todo improvisado, as bolas não eram oficiais. Para os jogos guardávamos uma única que possuíamos.

No primário não havia exercícios específicos, eram mais aulas recreativas, brincadeiras como a corrida do saco e outros. No magistério era mais treinamento para ministrarmos às

aulas no primário, aprendíamos a improvisar material, como a peteca, os fantoches, a trouxinha de areia, etc..

PERGUNTA 05 - Você chegou a ser atleta?

R. Prof. F - Não, mas sempre que a equipe da escola ia jogar eu era convidada.

PERGUNTA 06 - Qual a sua experiência com Educação Física?

R. Prof. F - Estágios no magistério da pré escola ao 5º ano. E nos jogos em que participei.

PERGUNTA 07 - Na Escola Técnica você acha que a Educação Física poderia estar mais relacionada com outras matérias. Como?

R. Prof. F - Acho que poderia sim, por exemplo com o Português, Biologia através de gincanas culturais, pois isto motiva o aluno.

PERGUNTA 08 - Que qualidades você julga serem necessárias para um professor de Educação Física?

R. Prof. F - Conhecimentos gerais, habilidade artística, gostar do que faz, relacionar-se bem com os alunos, psicologia, metodologia de trabalho e conhecimento técnico.

PERGUNTA 09 - As aulas de Educação Física na Escola Técnica como você as vê?

R. Prof. F - Há uma dificuldade muito grande por causa do local e do horário. Os professores estão sempre preocupados em desenvolver um bom trabalho, mas esta falta de local próprio, preocupa muito, depender de outros é desgastante.

As aulas sómente 1 vez por semana, torna o trabalho dos professores improdutivo e os próprios alunos sentem. Mesmo com todos estes problemas há um bom desempenho no trabalho destes profissionais.

PERGUNTA 10 - Você gostaria de ter feito faculdade de Educação Física?

R. Prof. F - Os cursos que gostaria de ter feito são a psicologia e a Educação Física, principalmente na parte recreativa, não fiz porque na minha cidade a faculdade não oferecia estes cursos e não oferece até hoje. Acabei fazendo pedagogia e estudos sociais e até que consegui me realizar profissionalmente.

ENTREVISTA 07:

LOCAL: ET. UFPR (Sala da Direção)

DIA: 22/05/93

HORÁRIO: 17:05 (início) 17:48 (término)

PROFESSOR GENÉSIO

PERGUNTA 01 - Como eram suas aulas de Educação Física nas escolas onde estudou?

R. Prof. G - No primário não tivemos aulas, não existiam professores da área, ressentíamos desta atividade, jogávamos futebol na hora do recreio, era descampado, isto é uma área grande e aberta. As iniciativas eram pelos professores de classe, mais atividades recreativas.

No ginásio já existia a obrigatoriedade, estavam muito

ligados às competições, comecei a nadar, meus pais não gostavam, mesmo assim permaneci 1 ano na natação, fazia parte da equipe. Nesta época tive um professor que me marcou muito, ele foi campeão sul americano de salto com vara se não me engano. Um outro professor me incentivou muito para que eu começasse a treinar a natação com mais afinco, mas não fui.

Em minha primeira turma tive vários colegas que hoje são professores de Educação Física, até mesmo da Universidade. O Colégio era tradicional, mas já com vistas ao tecnicismo. Os alunos faziam aulas normais de Educação Física, mas eram pouco ajudados para desenvolverem seus potenciais. Os melhores da turma eram os que treinavam. Você tinha que se esforçar para poder entrar em uma equipe. Tínhamos um professor que se você não sabia jogar ele não deixava nem entrar na quadra.

PERGUNTA 02 - Você gostava e participava com afinco das atividades?

R. Prof. G - Gostava muito. Eu era muito rebelde, não admitia essa discriminação, discutia com os professores, não tínhamos muita liberdade nas discussões, conforme fosse ganhávamos um bela suspensão.

PERGUNTA 03 - Algum fato lhe marcou na Educação Física?

R. Prof. G - No CEP tínhamos um professor R, que certa vez colocou um aparelho diferente para que saltássemos, era tipo uma prancha, não conhecíamos aquilo e um colega acabou se machucando, pela insistência do professor para que ele saltasse . A partir daí passei a olhar o professor como um ser despreparado para dar aulas de Educação Física. Um fator positivo foi que sempre me adap-

tei bem, não sei porque não fui para a Educação Física. (Faculdade)

PERGUNTA 04 - Vocês tinham materiais bons para as aulas de Educação Física? E o espaço físico como era?

R. Prof. G - Havia um grande espaço, mas o material era bastante restrito. 1 bola de basquetebol para 40 alunos. O volei quando a equipe não estava treinando a gente podia pegar. No futebol às vezes jogávamos com a de basquete, pois não havia bola. Os professores numa visão geral eram muito personalistas.

PERGUNTA 05 - Você chegou a ser atleta em sua juventude?

R. Prof. G - Não cheguei a ser atleta, por problemas na família com 13 anos fui obrigado a trabalhar, a renda familiar era muito baixa, tive que começar a ajudar em casa.

Me encaminhei ao futebol, e a primeira equipe em que participei foi o Ferroviário. No colégio, devido a condição financeira de meu pai eu era considerado aluno carente ou assistido.

PERGUNTA 06 - Que experiência você tem de aulas ou eventos em Educação Física?

R. Prof. G - Não fui recreacionista, mas sou um apaixonado pela Educação Física. Acho que ela possui uma terminologia errada, deveria ser mudado o seu nome. Fiz parte de delegações de jogos que eram realizados em outras cidades. Comecei a olhar a Educação Física com outros olhos, em 1968 a 1972 quando trabalhei na Prefeitura, nova ênfase para ela, dentro do Município. Não cheguei a organizar evento dentro da área.

PERGUNTA 07 - Na Escola Técnica você acha que a Educação Física deveria estar mais relacionada à outras disciplinas? Como?

R. Prof. G - Acho que deve fazer parte dos planejamentos em todas as escolas, não só aqui. A Educação Física não pode ser um elemento estanque, sem aquele caráter competitivo. Procurar mais a formação do indivíduo.

PERGUNTA 08 - Que qualidades julga serem necessárias a um professor de Educação Física?

R. Prof. G - Todo professor é um líder nato pela própria oportunidade que a matéria dá. O professor não aproveita seu potencial para auxiliar a integração dentro da Escola.

Eu não conheço o conteúdo curricular, mas uma das coisas que complicam a Educação Física são as diferentes formas que os professores usam para darem suas aulas.

A Escola Técnica sofre um processo deficiente pelo próprio local e horários onde ela é desenvolvida.

Acho que a Educação Física na escola poderia ser mais recreativa, não só de modelagem do corpo e técnicas esportivas. Será que ela não atingiria melhor seus objetivos? O processo é digo, acho que não está certo, o excesso de especialistas na área está acabando com a Educação Física.

Especialistas em futebol/goleiro, massa muscular, isto não é bom para a Educação Física. Questiono muito isto.

PERGUNTA 09 - Você tem conhecimento de como são ministradas as aulas de Educação Física na Escola Técnica? Que sugestões você daria?

R. Prof G - Elas são poucas, deveriam ser mais constantes e não tão distânciadas. Deveriam sentar professores de Educação Física e de outras áreas, procurando sentir o como da sua participação no conjunto das áreas. Será que ela não daria melhores condições para o aluno de Contabilidade raciocinar melhor; na Enfermagem as alunas procurariam verificar e trazer as deficiências da Educação Física para a praticidade. Procurar discutir mais com os alunos e fazê-los sentir a necessidade e profundidade dos temas relacionados a ela com as outras áreas.

PERGUNTA 10 - E o trabalho dos professores de Educação na escola, qual a sua opinião?

R. Prof. G - Talvez se as aulas fossem mais constantes, os professores se reuniriam mais frequentemente. Há um isolamento dos professores da área, não consegui saber porque. Por esse motivo as atividades em sua totalidade não são bem desenvolvidas, deveriam se relacionar melhor.

PERGUNTA 11 - Você gostaria de ter sido professor de Educação Física?

R. Prof. G - Gostaria por que Educação Física tem muito a dar dentro da Educação. Tenho uma vida sedentária, acho errado. Às vezes me arrependo, penso em fazer um curso dentro da área e de curta duração para poder fazer alguma coisa a mais..

"Eu noto não só na Escola, ela é um quebra galho de horário, onde ela deveria estar é junto com as outras disciplinas!"

No dia em que houver consciência que a Educação Física faz parte integrante do todo ela irá auxiliar no conjunto, como toda e qualquer outra disciplina.

## 9.0 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - CASTELLANI, Lino Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
- 2 - COSTA, Vera Lucia M. Prática da educação física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação? 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1987.
- 3- CUNHA, Manoel Sérgio e. Educação física ou ciência da motricidade humana? Campinas: Papirus, 1989.
- 4 - FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- 5 - GUARESHI, Pedrinho & RAMOS, Roberto. A máquina capitalista. Petrópolis: Vozes, 1989.
- 6 - LÜDKE, Menga & ANDRÉ, E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- 7 - MEDINA, J.P.S. A educação física cuida do corpo e mente. Campinas: Papirus, 1983.
- 8 - NIDELCOFF, Maria Tereza. Uma escola para o povo. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- 9 - OLIVEIRA, José Guilmar de et alii. Educação física e o ensino de 1º grau: uma abordagem crítica. São Paulo: EPU, 1988.
- 10- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Educação física humanista. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
- 11- DAOLIO, Jocimar. A representação do trabalho do professor de educação física na escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Curitiba, v.14, n.1, p.47, Set. 1992.
- 12- ROUYER, J. Pesquisas sobre o significado humano do desporto e dos tempos livres e problemas da história da educação física. In: ROUYER, J. Desporto e desenvolvimento humano. Lisboa: Seara Nova, 1979.

- 13 - SANTIN, Silvino. Educação física, outros caminhos. Santa Maria: Unijuí, 1990.
- 14 - \_\_\_\_\_ . Educação física, uma abordagem filosófica de corporeidade. Ijuí: Unijui, 1987.
- 15 - SAVIANI, D. Escola e democracia. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.
- 16 - \_\_\_\_\_ . Educação do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1985.
- 17 - SÉRGIO, Manoel. A prática e a educação física. Lisboa: Compendium, 1978.
- 18 - SOBRAL, F. Para uma teoria da educação física. Lisboa: Daibril, 1979.
- 19 - SONDA, Juliane. A cultura corporal na escola: reflexões sobre seu significado. Curitiba, 1992. Monografia (Pós graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná.